

Considerações finais

Admite-se vulgarmente entre a comunidade científica que as escolas de mosaístas africanos exerceram uma forte influência na Hispânia, a partir de meados do século III, ainda que subsistam grandes dúvidas quanto ao seu verdadeiro peso no conjunto de uma produção com vitalidade e originalidade próprias (Dunbabin, 1999, p. 152-155). Fosse através de cartões ou dos artistas, é certo que os contactos não podem ser negados, até porque se conhecem noutros domínios da cultura material. É o caso dos sarcófagos de Cartago, encontrados na necrópole de Cartago, datados de finais do século IV-princípios do século V, das ânforas ou das cerâmicas domésticas (Blázquez Martínez, 1994c, p. 267-274), para citar apenas alguns exemplos.

Por outro lado, a partir de meados do século IV, inicia-se a introdução de uma gramática decorativa de carácter oriental nos mosaicos hispânicos, patente nas novas técnicas, na nova temática figurativa, nos novos esquemas compositivos e em motivos geométricos inéditos, não de uma forma isolada, mas integrados num fenómeno cultural mais amplo (Fernández Galiano, 1984, p. 419).

Os mosaicos de Rio Maior comungam das duas correntes. Os sectores sul e oeste revelam indicadores decorativos originários do Norte de África, assimilados por uma oficina regional que laborou na segunda metade do século IV. Alguns mosaicos apontam para artesãos que também trabalharam em Mérida e nas suas redondezas, numa época em que a capital recuperava o seu dinamismo urbanístico e arquitectónico (cf. Arce, 1982, p. 98-99). Porém, não nos é possível determinar com segurança a proveniência dos restantes mosaístas. A sua itinerância levou-os a vários locais da Península Ibérica durante o Baixo-Império. As referências a paralelos estéticos em residências da Meseta são numerosas e é nessa zona que se formaram os mosaístas que trabalharam em Rio Maior. *Villae* como Rielves ou Cuevas de Soria, constituem locais paradigmáticos, não só ao nível do programa decorativo, como ainda ao nível arquitectónico. Pontualmente, reencontramos esquemas e motivos semelhantes aos de Rio Maior nas residências rurais ao longo do vale do Tejo, ultrapassando as fronteiras administrativas. Rio Maior pode considerar-se o limite ocidental dessas influências, até que novas estações se conheçam.

No contexto estritamente português são vários os locais com mosaicos tardios onde é evidente a influência de programas decorativos norte-africanos. É o caso de Torre de Palma, St.^a Vitória do Ameixial, Pisões, Abicada ou Milreu, no *Conventus Pacensis*. No entanto, as afinidades com Rio Maior são ténues, restringindo-se a pormenores, com excepção do mosaico que atribuímos ao círculo artístico de Mérida e que, possivelmente, influenciou

As afinidades com as províncias setentrionais do Império são ténues. Com excepção da composição de superfície à base de peltas, apenas se reconhecem nos pequenos elementos decorativos de larga divulgação (cf. Parlasca, 1959; Hoffmann et al., 1999; Jobst, 1982).

O sector norte, em torno do peristilo, acusa tendências decorativas ligeiramente mais tardias e filiadas numa corrente oriental cuja proveniência é, porém, discutível: terá chegado à Hispânia via Norte de África ou via continental? Através de artesãos ou cartões?

Quanto à época em que estas oficinas executaram os seus trabalhos, parecem-nos fundamentais os aspectos arquitectónicos que indicam remodelações importantes nas estruturas, ditando a execução de novos pavimentos. Por outro lado, revendo as cronologias propostas com base nos elementos disponíveis para os vários mosaicos do *Corpus*, coevas das estruturas arquitectónicas, evidencia-se um intervalo cronológico assaz curto, entre a segunda metade do século IV e os princípios do século V. A residência teria tido portanto, nesta sua última fase, cerca de meio século de ocupação, o que nos parece extremamente curto para esta época. Aliás, os próprios pavimentos não apresentam grandes sinais de desgaste nem possuem restauros antigos, factos que vêm corroborar a nossa conclusão. As destruições que sofreram foram provocadas *a posteriori*. Os materiais das paredes foram arrancados, destruindo as orlas dos pavimentos e as lacunas foram provocadas pela queda de materiais aquando do desmoronamento do telhado e aber-

tura de covas para plantação de árvores, muito mais tarde. Paulatinamente, o local foi despojado das suas riquezas. É fácil adivinhar que algo veio perturbar a vida desta gente que ainda em princípios do século V investia na sua residência para a tornar mais aprazível. Foram certamente os povos que do Norte da Europa vieram. As fontes literárias têm apontado os anos de 409-410 como início das invasões que devastaram a Hispânia. Porém, a ideia de uma catástrofe não tem reflexos claros nos registos arqueológicos da quinta centúria (Cerrillo Martín de Cáceres, 1995, p. 18). Em Rio Maior, também não há marcas de incêndio ou outro tipo de acidente natural.

A *villa* de Rio Maior deve englobar-se no vasto conjunto de latifúndios da Meseta, situados ao longo do vale do Tejo, conhecidos no Baixo-Império. Muitas dessas residências apresentam esquemas decorativos similares, mormente geométricos, revelando contactos estreitos.

Quanto aos objectivos que nos propusemos, foram concretizados na sua grande maioria. Face às graves dificuldades financeiras e logísticas que encontramos em Rio Maior, mormente junto dos órgãos municipais, acreditamos ter realizado um trabalho sério. De facto, ficaram alguns pontos por concretizar na plenitude. Em primeiro lugar, o levantamento gráfico total dos mosaicos através da técnica tessela a tessela. Tal não foi exequível devido à falta de apoio na limpeza e consolidação dos pavimentos e que nos obrigaram a repensar o método. Outro dos objectivos era a remoção dos pavimentos com vista à escavação sob os mesmos a fim de recolher informações cronológicas. Lamentamos ainda a suspensão das campanhas arqueológicas que poderiam resolver alguns problemas levantados pelo estudo arquitectónico do conjunto.

Acreditamos que um dia as entidades competentes compreenderão a importância científica e turística da *villa* de Rio Maior, que reúne condições invejáveis em relação a outros locais. Tendo acompanhado a degradação a que os mosaicos foram sujeitos ao longo dos três anos em que os visitámos com assiduidade, agravados após cada inverno, apesar das precauções tomadas pelos responsáveis da estação face às verbas disponíveis, consideramos urgente a intervenção no local de forma a consolidar todos os pavimentos e musealizar o local.

Esperamos que este estudo possa abrir a porta para projectos que dignifiquem uma estação arqueológica no presente votada ao abandono.